

OS ESTUDOS DE GÊNEROS E O FILME *INCONSCIENTES*

Rhadra Serra CALACHE¹

Resumo: O presente trabalho trata de algumas anotações envolvendo temas como feminino e masculino, o corpo da mulher, sua condição na sociedade, “a mulher como imagem, o homem como dono do olhar”, nas palavras de Laura Mulvey, e a relação destes temas com o filme *Inconscientes*, de Joaquín Oristrell. Em meados do século XX, o senso comum considerava que a mulher devia ter uma “conduta feminina”, ou seja, devia obediência ao marido, devia estar na condição de passividade, de esposa e mãe, recatada, subordinada, submissa. Entretanto não é assim que a protagonista do filme se porta. Existe mesmo uma “conduta feminina” a ser seguida? Um ilustre personagem do filme, Professor Sigmund Freud, nos ajuda a formular uma resposta.

Palavras-chave: Gênero. Cinema. Psicanálise.

Introdução

O presente artigo foi apresentado para avaliação final da disciplina Seminários de Linguagem e Relações de Gênero, durante o segundo semestre de 2008, do Mestrado em Letras, Linguagem, cultura e discurso, da UninCor (Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, MG). Durante as aulas, assistimos ao filme *Inconscientes*, de 2004, dirigido por Joaquín Oristrell. Depois discutimos questões de gênero, psicanálise e outros assuntos interessantes relacionados.

A história do filme acontece em Barcelona, no ano de 1913. Alma (Leonor Watling) é uma mulher decidida e à frente de seu tempo. Seu marido, Dr. León Pardo (Alex Brendemühl), é um psiquiatra que conhece Sigmund Freud e suas idéias revolucionárias a respeito da sexualidade e vai até Viena fazer um período de estágio com o ilustre psicanalista. Um dia, quando já estava de volta à sua casa, Alma encontra o marido chorando e muito

¹Mestranda em Letras (Linguagem, Cultura e Discurso) pela Universidade Vale do Rio Verde – Unincor, Três Corações, MG, Brasil. E-mail: rhadracalache@yahoo.com.br

alterado. Pouco depois León desaparece, deixando a esposa Alma grávida, sem informações de seu paradeiro. Ela resolve pedir ajuda ao cunhado, Salvador (Luis Tosar), para encontrar o marido, mas ele não imagina onde o amigo possa estar. Alma o convence de irem procurá-lo, contudo eles só dispõem de manuscritos de León, sobre quatro pacientes desajustadas. A partir destes manuscritos, Alma “arrasta” Salvador para todos os locais onde ela julga serem convenientes. No entanto, uma série de confusões acontece: Salvador é casado com a irmã de Alma e a relação está em crise; Salvador nutre uma paixão secreta por Alma; as anotações sobre as pacientes dão pistas inusitadas a respeito de León, mas Alma não desiste de encontrar seu marido.

Os protagonistas seguem na busca enquanto traços da psicanálise vão sendo citados, assim como livros e peças de teatro de autores renomados como Oscar Wilde, Mary Shelley e as irmãs Brontë, por exemplo. Seguindo as pistas dos manuscritos de León, Alma e Salvador vão desvendando os mistérios que aparecem ao longo da trama, que traz ao “clube” de Dr. Mira (Juanjo Puigcorbé) figuras respeitadas como Dr. Alzheimer e o próprio Sigmund Freud. A cada encontro com as pacientes do Dr. Pardo, os protagonistas desvendam uma parte do mistério. Tortola é a primeira, que insere León no mundo do sado-masiquismo; Pastora, a segunda, inicia seu contato com as drogas; a terceira é Olivia, sua cunhada que o leva a um “mundo novo”, em que ele descobre sua bissexualidade após uma festa onde os convidados trocam de funções, isto é, as mulheres se vestem de homens e vice-versa, para se permitirem viver sua verdadeira identidade sexual; a quarta é sua mãe, a Sra. Mingarro, que lhe revela a identidade do pai: ninguém menos do que seu próprio sogro, o que faz León surtar. Finalmente, Alma e Salvador descobrem onde está León, num ponto crítico do filme, quando ele está se aprontando para matar Freud, que irá se apresentar aquela noite no clube de seu pai-sogro. Quando León chega ao clube, Salvador vem atrás para tentar impedi-lo de cometer o crime. Mas, no meio da confusão, um tiro é dado para o alto e o lustre, prestes a cair, está logo acima de León e seu pai, que também tenta impedi-lo de atirar em Freud. Até que o lustre cai e acaba matando os dois. Alma e Salvador resolvem assumir seu amor e vir para a Argentina, chamada de “mundo novo” pelos dois. Ela feminista; ele, psicanalista.

Um fato considerável é que no filme são citados acontecimentos importantes daquele ano, como a invenção do sutiã, das palavras cruzadas, as mulheres puderam freqüentar a faculdade, o Titanic afundou e a passagem de Freud por Barcelona.

O filme é muito interessante para nossa discussão, e muito bem encaminhado. Mesmo o desfecho sendo esperado, a história consegue se manter sem altos e baixos, muito pela atuação dos personagens – que estão ótimos – e, claro, pela direção muito bem desenvolvida. Apesar de a psicanálise ser um tema complexo, Joaquín Oristrell conseguiu dar um tom leve e divertido ao filme.

Algumas palavras sobre os estudos de gênero

Em um artigo intitulado *A ideologia do gênero* (cujas autorias desconheço), consta o seguinte:

O termo inglês “gender” apareceu há uns anos na literatura sobre as relações entre os homens e a mulher. Traduzido para o português como gênero, seria mais facilmente compreensível se se traduzisse como “sexo”. O discurso sobre o gênero nega a importância à diferença genital entre homem e mulher e recolhe a interpretação de Friedrich Engels do conceito de luta de classes. [...]

Os textos dedicados ao gênero analisam os papéis e responsabilidades atribuídas ao homem e à mulher no contexto da nossa sociedade, como se fossem expectativas de certas características, aptidões e comportamentos prováveis de cada um deles (a feminilidade e a masculinidade). Estes papéis e expectativas seriam distintos com o tempo e segundo as organizações econômicas e sociais.

Estas palavras dão uma boa noção do que vêm a ser os estudos de gênero, que, em princípio, parecem se referir aos gêneros literários, já que desde a vida escolar ouvimos falar de gêneros lírico, épico e dramático. Para especificar qual sentido daremos à palavra *gênero* ao longo deste trabalho, o trecho supracitado esclarece bastante.

Susana Veleda da Silva (2000), professora de Geografia Humana da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no resumo do artigo intitulado *Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações*, diz o seguinte:

No Brasil, os estudos que abordam as relações de gênero acompanham os diferentes momentos dos movimentos feministas. A partir da década de oitenta, o país começa

a sair lentamente dos chamados “anos de chumbo” da ditadura militar que começou em 1964. Mas desde meados dos anos setenta que as mulheres brasileiras já se mobilizavam contra o custo de vida, por creches e timidamente buscavam uma maior abertura política. Neste sentido, muitas pesquisadoras já demonstravam preocupação pela temática feminista e os principais trabalhos versavam sobre mulher e trabalho. Mas são nos anos oitenta que diferentes movimentos feministas começam a criticar a condição da mulher no Brasil. E na academia as pesquisadoras não ficam imunes aos apelos por uma maior igualdade social entre os sexos. As ciências humanas e sociais, particularmente a sociologia, a demografia e a história, produzem trabalhos abordando diferentes temáticas, com uma perspectiva de resgatar a mulher e seu papel nas diferentes sociedades e particularmente na sociedade brasileira contemporânea. Assim, os estudos de gênero no Brasil crescem em qualidade e quantidade durante os últimos 20 anos.

Nesta citação temos idéia do rumo dos estudos deste tema em nosso país desde seus “primórdios”. De acordo com o que a professora diz, não há como dissociar os estudos de gênero dos movimentos feministas. Eles seguem juntos, em seus acertos e tropeços ao longo dos anos. No decorrer das aulas do Mestrado, seguimos desde este início até as questões de corpo e quadrinhos da atual década, vendo as mudanças ocorridas nas ideologias, nos estilos e também algo que pouco (ou nada?) mudou ao longo das décadas: o homem “dita a aparência feminina”. Pelo menos a imagem da mulher ideal não vem do modo de pensar das mulheres, mas dos homens. Assim, não podemos falar da mulher sem falar também do homem. Quando falamos delas, inevitavelmente estamos falando deles. Ainda que indiretamente, estamos.

Mesmo que a opinião de uma grande parte das pessoas coincida em relação ao fato de as mulheres se arrumarem para elas mesmas, se vestirem para elas mesmas, se maquiarem, fazerem dietas, entrarem na academia atrás de um corpo “escultural” para elas mesmas, isto é, para parecerem mais bonitas do que as “adversárias” ou para terem a aprovação da aparência pelas amigas, isso não anula a condição de “a mulher como imagem, o homem como dono do olhar”, nas sábias palavras de Laura Mulvey, em *Prazer visual e cinema narrativo*.

Vale também lembrar, nas palavras de Silvia Figueirôa (2000, p. 338), o seguinte:

[...] as definições de “feminino” e “masculino”, mesmo (e, sobretudo) quando estabelecidas em bases científicas, são social e historicamente construídas. As diferenças entre ambas as categorias não residem, portanto, nem na natureza, nem no biológico – há que se buscá-las em cada contexto, espacial e temporal, compreender esses “conhecimentos situados”.

O que aparece aqui é mais uma informação: o fato de feminilidade e masculinidade não serem determinados pelo aspecto biológico. Isto quer dizer que não importa se a pessoa tem as insígnias anatômicas de homem – pênis e testículos – ou de mulher – vagina, ovários e útero – para determinar sua identidade sexual, pois isto é bem mais complexo. Teríamos que entrar em questões psicanalíticas, como as identificações com pai ou mãe, como foi o processo do complexo de Édipo, para tentar compreender melhor estas classificações. Já que não é a intenção no presente trabalho nos estendermos nessa discussão, encerraremos a questão aqui, pois ela depende de vários fatores, várias experiências vividas pelo sujeito ao longo de seus primeiros seis anos de vida aproximadamente. Vale salientar que ela não é simples, nem tampouco mera “opção”, como muitas vezes é tratada.

Assim, creio que esteja bem delineado o que vêm a ser os estudos de gênero.

Os protagonistas e seus comportamentos

Vários pontos são interessantes em toda a história. Desde o aparecimento de Freud na trama até o modo como os personagens se portam.

Alma é uma mulher determinada e, apesar de ser bastante feminina, ela tem um comportamento que não condiz com sua condição: a de *mulher*. Mesmo estando no auge da feminilidade, que é a gravidez, ela é decidida e tem uma postura totalmente ativa, enquanto seu cunhado, Salvador, é um homem passivo, subordinado aos “caprichos” da irmã de sua esposa.

Em meados do século XX, o senso comum considerava que a mulher devia ter uma “conduta feminina”, ou seja, devia obediência ao marido, devia estar na condição de passividade, de esposa e mãe, recatada, subordinada, submissa. Entretanto não é assim que a protagonista se porta. Ao deparar-se com o sumiço do marido, ela não pensa duas vezes antes de iniciar sua busca: vai atrás do cunhado, que era muito amigo de León, numa academia de boxe, onde obviamente só existiam homens. Ela entra no local sem pudor nenhum, decidida a falar com o cunhado para saber se ele tinha idéia de onde seu marido poderia estar. Esta atitude causa espécie, já que não era comum um comportamento tão impetuoso para uma “dama” (e ela não fez isso uma vez só ao longo do filme...). Alma nem sequer pondera sobre

sua condição feminina-passiva, não espera ninguém vir oferecer ajuda, não busca o pai para ter uma opinião sobre o que deveria fazer, muito menos deixa nas mãos de qualquer homem a missão de descobrir onde estaria seu marido.

Maria Cristina Poli (2007, p. 32), no livro *Feminino / Masculino: a diferença sexual em psicanálise*, faz uma declaração interessante e que se encaixa bem com a personagem de Leonor Watling:

Foi-se o tempo em que ser mulher ou homem bastava para que um determinado número de atributos fosse conferido. “Aos homens o trabalho, às mulheres a cozinha”; “aos varões o dinheiro, às fêmeas os filhos”. Essas e outras, se não deixaram de ser assertivas verdadeiras, ao menos foram bastante amenizadas em sua incidência social e subjetiva.

Ora, ela, uma mulher apaixonada, cujo marido está desaparecido, deveria ficar esperando notícias recolhida em seu lar, remoendo sua angústia? Jamais! Decidida que é, Alma parte em busca de sua missão. E, se só pode recorrer ao cunhado e aos manuscritos de León, é exatamente o que ela faz. Ao mostrar os manuscritos de seu marido a Salvador, ela evidencia já ter conhecimento das teorias de Sigmund Freud, diferente dele, que achava aquilo tudo uma grande besteira. Alma fica desapontada cada vez que Salvador menospreza as teorias de Freud, pois ela considera o autor um gênio, ao contrário do cunhado – num ponto do filme ela chega a acusá-lo de ser “simplesmente muito retrógrado”. Para Alma, são grandes verdades o que o psicanalista austríaco diz, já que ela própria em alguns momentos tem a perna paralisada e reconhece em si a histeria.

Sobre isso, aproveitamos mais uma vez as palavras de Maria Cristina Poli (idem): “Reconhecer à histérica o valor de sua palavra, ato fundador da psicanálise, incidiu diretamente na autenticação da expressão do desejo sexual de metade da população, até então fadada a ocupar exclusivamente a posição de objeto do desejo masculino.”

Mesmo desprezando sábios conhecimentos, Alma confia no cunhado e acredita ser ele o único a poder ajudá-la. Salvador é o oposto de Alma; submisso à mulher, ao sogro e agora à cunhada. Ele até questiona as atitudes desta última, mas no fim acaba sempre cedendo. A própria cunhada diz isso a ele: “por que diz não se no final sabe muito bem que vai dizer sim?”. É interessante, ao longo do filme, vemos essa submissão à esposa (eles têm problemas no relacionamento, ela reclama do sexo, diz sentir dor porque ele tem o pênis grande demais

etc.), ao sogro (pois quer vir a assumir seu lugar no hospital, mas o sogro o desaponta dizendo que seu sucessor será León) e à cunhada, até que esta pede para que ele a hipnotize. Claro que a princípio ele nega, porém, mais uma vez, acaba aceitando. É uma cena divertida, pois em vez de hipnotizar a cunhada, ele acaba se hipnotizando. Aí sim, seu “inconsciente vem à tona”, e vemos o que ele esconde. Enquanto sob efeito da hipnose, ele se declara para Alma, afronta a cunhada, sai da sala onde estava, vai ao restaurante onde estão a esposa e o sogro, enfrenta os dois e, de certa forma, todas as pessoas presentes. Até que o garçom, a mando de Alma, bate palma e o tira do transe. Então ele desperta e fica assustado ao perceber o que houve.

Durante todo o filme, Salvador ajuda Alma a encontrar o marido, mesmo isto causando grande incômodo, pois é apaixonado pela cunhada. Num ponto do filme, Alma diz que ele está com ciúmes e Salvador responde: “Ciúmes de quem? De um homem que abandona a mulher prestes a dar à luz?”. Alma não gosta, mas também não responde, já que há uma carga de verdade nestas palavras.

Uma passagem curiosa sobre Salvador é quando, ainda hipnotizado, se declara para Alma. Ele diz a ela: “Grávida você parece um anjo gordo. Eu gosto mais ainda”. É interessante comparar esta declaração dele com as palavras de Selma Regina Nunes Oliveira (2002, p.34), no artigo *O jogo das curvas*:

Assim, tanto o corpo *maternizado* quanto o corpo infantilizado são construídos a partir da ausência de atributos sexuais. O formato do corpo, tanto da mãe quanto da criança, são concebidos em circunferências. Não há curvas que marquem a cintura ou o quadril, sendo que, na representação da mãe, os seios são grandes e fartos, associados à amamentação ou à idéia do colo aconchegante. (...) O corpo *maternizado* é a representação do *locus* familiar no qual a sexualidade é apagada pela desqualificação desse corpo como objeto de prazer. Nas histórias em quadrinhos, a distinção dos modelos dissocia a feminilidade da maternidade.

Guardadas as devidas proporções, as opiniões são opostas. Dizemos “guardadas as devidas proporções” porque, como foi dito acima, a opinião de Selma Oliveira é em relação às histórias em quadrinhos, e a declaração de Salvador está em um filme. Além disso, tem um “desconto” por ele estar hipnotizado – se é que isso pode ser tomado como uma escusa, já que, segundo Freud, a verdade vem à tona quando se está sob efeito de hipnose. Ainda assim, é interessante pensar nas duas opiniões: se a gravidez anula a sensualidade, então Alma está

acima desta declaração; mas se esta declaração não cabe aqui, então Alma está grávida e sensual.

Selma Oliveira (2002, p.43) encerra o referido artigo da seguinte maneira:

O corpo feminino é o locus onde se concentra o maior número de atributos sexuais e a ele ainda podem ser agregados outros elementos – cabelos e roupas – que são transformados tantas vezes quanto o padrão de beleza venha determinar. Assim, nas histórias em quadrinhos, o corpo feminino é construído (...), não como corpo-sujeito, mas como corpo-território para posse e deleite do outro, ou corpo-padrão, no qual as múltiplas identidades da mulher são unificadas e fixadas em representações que significam e resignificam uma instância de vigilância e controle sobre sua sexualidade.

Partindo dessas palavras, podemos comparar com a figura de Alma no filme. Ela está sempre bem vestida, com os cabelos arrumados, usa chapéus... e, mesmo logo após o parto, com os cabelos em desalinho e um roupão que cobre todo o corpo, ela não aparenta uma figura “desajeitada”, por estar na cômoda posição de recém tornada mãe. Figura esta que tem todos os direitos, porque é como se a mulher ficasse “sublime” neste momento. E, para Salvador hipnotizado, ele é o próprio “corpo-território”, mesmo grávida, como já comentando acima.

Ainda na cena do quarto, Alma pede para que Salvador se aproxime, pois quer que o filho “tenha uma imagem masculina, que sinta que o pai estava presente quando nasceu”. A Sra. Mingarro então diz que “ele não é o pai”, ao que Alma responde que “a criança não sabe”. A Sra. Mingarro, mordaz, replica: “E você, sabe?”. No mesmo instante, Salvador levanta e diz: “Senhora Mingarro, peça desculpas agora mesmo ou...” e ela o interrompe perguntando “Ou o quê? O quê?”, e, já que Salvador não responde, ela vai embora. Vou citar algumas falas seguintes dos protagonistas porque é um diálogo interessante:

“Salvador – Desculpe pelo beijo.

Alma – Diz isso por educação ou covardia?

S – Digo porque penso isso. Foi um erro.

A – Pensei que o erro fosse não ter confessado o amor que sentia por mim.

S – Você era apaixonada por León.

A – Era?

S – E ainda é.

A – Nega os próprios sentimentos, mas quer interpretar os meus. Você é arrogante e fático!

S – Você me ofende, Alma. Significa que se importa comigo. (Ela olha para ele como quem se nega a acreditar em tais palavras e ele continua:) Me diga de uma vez, posso ter esperança de que vá deixar León por mim?

A – Há coisas que não se perguntam, se exigem.

S – Eu não entendo. (ela, mais uma vez olha para ele, agora na esperança de que ele se dê conta do que ela quis dizer, mas ele não “alcança” e segue:) Não entendo. (ela então se vira de costas para ele, soltando como um “rosnado”, não acreditando que ele seja tão “cego”).

Depois desta seqüência, cremos que fique bem claro o comportamento dos dois ao longo do filme. Ela, direta, decidida, perspicaz, e ele, submisso, “cego” e demorando a entender as coisas. Consideramos que esta seja uma das cenas mais marcantes de *Inconscientes*.

Assim, encerramos nosso trabalho, após experimentar discorrer sobre o filme, comparar com as aulas e fazer uma breve análise de algumas passagens que consideramos interessantes.

Gender studies and the film *Inconscientes*

Abstract: This paper addresses some issues involving notes as feminine and masculine, the woman's body, her status in society, "the woman as image, the man as master of the look" in the words of Laura Mulvey, and the relation of these subjects to the film Inconscientes, by Joaquin Oristrell. In the beginning of the twentieth century, the common sense considered that women should have a "feminine behavior", that is, she should obey the husband, should be in the condition of passivity, of wife and mother, demure, dependent, submissive. However that is not the way the protagonist of the film behaves. Is there really a "feminine behavior" to be followed? A distinguished character in the film, Professor Sigmund Freud, helps us to formulate an answer.

Keywords: *Gender. Cinema. Psychoanalysis.*

Referências:

BIRMAN, Joel. **Cartografias do feminino**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. Resenha de *L'invention Du naturel: lês sciences ET La fabrication Du féminin ET Du masculin*. **Cadernos Pagu** (15) 2000: pp.337-339.

INCONSCIENTES. Direção: Joaquin Oristrell. Produção: Mariela Besuievski, Marta Esteban e Gerardo Herrero. Intérpretes: Leonor Watling; Luis Tosar. Fotografia: Jaume Peracaula. Roteiro: Dominic Harari, Joaquín Oristrell e Teresa Pelegri. Barcelona: Tornasol Films S.A. / Madragoa Filmes / Messidor Films S.L. Espanha, 2004. Música: Sergio Moure. Edição: Miguel Ángel Santamaria. Distribuição: Alta Films S.A DVD (108 min), cor, legendado / dublado.

LIBERT, A. M. A ideologia do gênero. In: _____. **Mujer Nueva**. Disponível em: <<http://www.juntospelavida.org/genero.html>>. Acesso em: 16 jun. 2011.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: BARCELLOS, Janice Primo. **O feminino nas histórias em quadrinhos**. Parte 1: A mulher pelos olhos dos homens. Agosto, 2008.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. O jogo das curvas. **Comunicação e Espaço Público**, Ano V, número 1 e 2, 2002.

POLI, Maria Cristina. **Feminino/Masculino**: a diferença sexual em psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

SILVA, Susana Veleza. Os Estudos de Gênero no Brasil. Biblio 3W. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciências Sociales**. Universidad de Barcelona, número 262, 15 nov. 2000. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-262.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2011.